

Sem mistério

CADA vez que se faz uma estatística sobre educação, o brasileiro que tem um mínimo de consciência leva as mãos à cabeça, e sente vergonha.

Aí está mais uma, patrocinada pelo MEC: em cada cem alunos que ingressam no sistema de ensino, apenas 33 se formarão ao fim dos oito anos de Primeiro Grau. É a pior taxa de aproveitamento de ensino da América Latina.

É TERRÍVEL saber que Alagoas tem 35% de analfabetos na população de jovens entre 15 e 17 anos, índice que vai a 31% na Paraíba e a 28% no Piauí. A taxa de analfabetismo no Sudeste, em comparação, é de 4,64% da população.

PODIA ser uma das explicações para o desastre educacional brasileiro: o fato de que aqui coexistem diferentes países, ou etapas diferentes de desenvolvimento. Mas isso não serve muito de consolo: mesmo nas áreas mais desenvolvidas, é confrangedor o nível do ensino público; e, às vezes, o que se considera alfa-

betizado é aquele que apenas aprendeu a escrever o nome.

ANÁLISE mais cuidadosa das estatísticas pode ampliar o campo da reflexão. O índice de universalização do ensino de Primeiro Grau é bom, com 88,5% dos jovens entre 7 e 14 anos cursando alguma das oito séries em 1993.

VOLTAMOS, assim, ao ponto crucial: o problema não é vago; é o aproveitamento do ensino. E quem diz qualidade do ensino está falando da qualidade dos professores.

JÁ se fez loucuras no Brasil, em matéria de educação; e jogar mais dinheiro nesse sistema também não é o "x" do problema. Nos anos da Revolução de 64, o Mobral tinha muito dinheiro e pessoal treinado para o que se queria fazer; fornecia cartilhas de bom nível. O objetivo é que estava totalmente equivocado: atacar o analfabetismo dos que tinham fracassado na escola. Podia ser humanitário, mas era inviável; era programa para país que já resolveu o problema da escola de base.

É MUITO do brasileiro tentar inventar soluções que contornem o problema — como fugir da escola tradicional, através de campanhas, pedagogias inovadoras, cursos extras etc. Por isso, não se faz o que outros países do nosso nível já fizeram, com custo menor que o nosso.

O MEC pode e deve agir como coordenador de um grande projeto nacional de educação; mas a batalha vai ser travada, e vencida ou perdida, em nível local, regional. O sucesso depende apenas de lucidez nos objetivos — e de vontade política.

CONSTRUIR uma escola nova chama mais atenção do que reformar a antiga; contratar mais professores agrada muito mais do que recuperar a dignidade dos que já estão empregados. Mas isso é apenas fazer giros em volta do problema.

OS estudos já estão aí, mostrando o que é preciso fazer. Basta apenas querer.